

13 NOV 1987

Divisão Extra

JORNAL DA TARDE

A moratória vai custar caro

O preço da moratória são juros mais altos quando os países que a declararam voltam ao mercado e esses juros vão sair às custas dos salários pagos no mercado interno. "Os empregados é que vão sofrer as consequências" — disse em São Paulo uma das principais autoridades em economia da Alemanha Ocidental, Herbert Giersch.

Presidente do Instituto de Economia Internacional de Kiel desde 1969, Giersch criticou ontem, em almoço no clube Transatlântico promovido pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, os países que declaram moratória da dívida externa ou cerceiam o capital estrangeiro: "Um país que for uma **ratoeira** de capitais perde por muito tempo suas possibilidades. Como um país que não honra suas dívidas, pode perder as oportunidades de concorrer no mercado internacional".

— Quem se mostrou mau devedor uma vez, por muito tempo será visto assim. Toda moratória declarada pelo devedor é um sinal negativo para o próprio país.

O economista evitou cuidadosamente a questão de pendência entre a Autolatina e o governo brasileiro, mas observou que é preciso atrair o capital estrangeiro, indispensável para completar a poupança interna — que é insuficiente nos países em desenvolvimento. "O Brasil é um excelente local para investir, tem recursos e mão-de-obra ba-

rata", disse Giersch. Mas é preciso dispor-se a concorrer com outros países que estão interessados em investimentos externos. "Nos últimos anos, a América Latina e especialmente o Brasil encontraram um concorrente bastante forte no Pacífico. As indústrias alemãs não haviam dado muita importância ao mercado asiático. Mas a tendência do futuro é que se invista na Ásia e não na América Latina." No Brasil, embora as oportunidades de investimento sejam boas, "é preciso assegurar ao capital estrangeiro que as indústrias aqui instaladas possam desenvolver-se".

— As indústrias podem adaptar-se aos mercados, mas à política é muito mais difícil — advertiu o economista alemão.

Juros

Giersch previu elevação dos juros no mercado internacional e respondeu que um aumento de importações pela Alemanha e o Japão em face da desaceleração e queda do dólar nos Estados Unidos "só é válido por curto espaço de tempo".

O presidente do Instituto de Kiel prevê que a economia dos países industrializados vá crescer em torno de 2% em 1988, contra a previsão anterior de 2,5% — a queda de meio ponto percentual fica por conta da queda das Bolsas de Valores, que, entretanto, não deve ser confundida com crise: "Uma crise é o que não se esperava. É uma

surpresa desagradável e negativa... Mas, no verão deste ano, houve uma superespeculação nas Bolsas e havia a necessidade de uma correção para baixo".

Europa

Em sua palestra sobre as perspectivas da política econômica na Europa, Giersch criticou Keynes por defender o curto prazo com a frase de que "a longo prazo, todos estaremos mortos". Mas "por experiência amarga sabemos hoje: Keynes está morto; e nós vivemos no seu longo prazo com a tarefa de corrigir as consequências e falhas do pensamento a curto prazo".

Os fatores de esperança, observou, são a desregulamentação de Carter e a redução de impostos de Reagan; a privatização de estatais na Grã-Bretanha de Thatcher e na França de Chirac; a redução do déficit orçamentário na Europa; o reconhecimento no Mercado Comum Europeu de que "um aumento de emprego exige, entre outros, o recuo dos salários reais atrás do crescimento da produtividade do trabalho"; e a liberalização — "hesitante" — na China.

Giersch recomendou ainda, ao Brasil, liberar as forças de mercado e fortalecer o mercado interno, evitando o controle direto do governo. "O controle mais importante é o monetário e do déficit público. Quando a moeda é curta, não há muita inflação."